

Principais aspectos responsáveis pela transição de Kamakura para *Nanboku-chō*

Vítor Kei Taira Tamada (vitor_kei9@hotmail.com)

FLO0398 - Cultura Japonesa II – Professor Koichi Mori

Introdução

O Período Kamakura foi consideravelmente estável nos âmbitos político e social por uma boa parte de seus quase 150 anos. Apesar disso, sua queda foi repentina e os anos seguintes mostraram-se bastante conturbados, com destaque para a presença de dois governantes que dividiram o país ideologicamente e disputavam pelo poder. Este trabalho apresentará características gerais da política e sociedade do Período Kamakura que levaram ao fim dessa era e como elas mudaram na transição para o Período *Nanboku-chō*.

1 Período Kamakura

O Período Kamakura (1185-1333) ocorreu entre o Período Heian (794-1185) e a Restauração Kenmu (1333-1336), com o Período das Duas Cortes (*Nanboku-chō*, 1336-1392) vindo logo em seguida. Este período marcou a transição para uma economia baseada em terras e do enfraquecimento do poder imperial, em troca do surgimento e rápido crescimento de uma aristocracia militar. Destacam-se a ascensão dos samurais, surgimento das castas de guerreiros, estabelecimento do feudalismo e considerável estabilidade política. Também houve grandes mudanças nas artes e religião, mas são áreas que não serão abordadas neste trabalho.

1.1 Aspectos políticos

O Período Kamakura iniciou-se após a vitória de Minamoto no Yoritomo na Batalha de Dan-no-ura em 1185, que encerrou a Guerra Genpei (1180-1185) entre os clãs Genji (também conhecido como família Minamoto) e Taira (também conhecido como Heike e como Heishi). Poucos meses após a vitória de Yoritomo, a corte imperial concedeu ao comandante o poder de nomear *shugos* (governadores militares de uma ou mais províncias) e *jitōs* (administradores militares de terra) para os *shōens* (propriedades privadas). Em 1192, também recebeu o título de *Sei-i Taishōgun* (ou apenas *shōgun*), o que legitimizou seus poderes e o *bakufu* (shogunato). O nome do período vem da região de

Kamakura, cidade natal de Yoritomo e local onde ele criou um quartel-general para a guerra contra os Taira, que acabou se tornando o centro do shogunato.

Em teoria, os poderes concedidos a Yoritomo eram relacionados apenas a funções militares e de segurança do Estado, com algumas responsabilidades de arrecadação fiscal. Órgãos governamentais de destaque criados por Yoritomo foram o *Samurai-dokoro* (Conselho dos Samurais), *Kumonjo* (Conselho Administrativo) e o *Monchūjo* (Conselho Investigativo). O *Samurai-dokoro* fora criado durante a campanha contra os Taira e se tornou um quartel responsável por estratégias, recrutamento e designação de pessoal militar; o *Kumonjo*, que depois foi nomeado de *Mandokoro*, era responsável pela administração e finanças; e o *Monchūjo* possuía responsabilidades judiciais. Juntos, esses órgãos compunham o aparato administrativo do shogunato de Yoritomo, com seus líderes servindo de conselheiros nos debates políticos presenciados pelo shōgun. Os oficiais militares que o shōgun apontava não substituiriam os oficiais civis já presentes nos *shōens* dos quais ele não era proprietário, mas exerceriam seus cargos em conjunto. O shōgun espalhou quantos *shugos* e *jitōs* fosse possível justificando estar em busca dos últimos membros opositores da guerra que ocorrera. Por serem *gokenins* (vassalos, pessoas que juraram lealdade ao shōgun, em troca de proteção e direito de serem nomeados *shugo* ou *jitō*), todas essas nomeações criaram uma rede de conexões que gradualmente se estendeu por todo o país e elevou a importância de Kamakura de um mero poder regional para uma agência administrativa nacional.

Inicialmente, os poderes do país pareciam estar em equilíbrio entre Kamakura e Kyōto: Kamakura cuidava de assuntos militares e de segurança e, apesar de poder nomear oficiais militares para cargos administrativos, eles não substituíram os que já haviam sido apontados pela corte imperial, o que dava voz aos dois lados nas tomadas de decisão nos *shōens*. Além disso, a nobreza conseguiu manter sua vida de luxo e de prestígio mesmo com a ascensão dos *bushis* provinciais. Entretanto, com a morte de Yoritomo em 1199, iniciaram-se disputas pelo poder de Kamakura. Como o falecido shōgun não deixou descendentes aptos para herdar seu posto e eliminou todos os outros possíveis candidatos que ameaçavam sua autoridade, o clã Hōjō subiu ao poder por meio de Hōjō Masako, viúva de Yoritomo, como regentes e não como shōguns.

Apesar de todo o poder que acumulou, Yoritomo alegava ser um protetor do regime imperial e buscava cuidadosamente sanção legal para suas ações. Contudo, o equilíbrio se manteve somente enquanto ele esteve no poder por causa de sua conduta. O sistema que ele ergueu tinha a capacidade de absorver o existente em Kyōto, e foi esse o caminho que se seguiu após sua morte. O shogunato passou a interferir cada vez mais nas questões políticas do Japão, indo além de suas funções administrativas e militares, aumentando a insatisfação da corte imperial de Kyōto, o que resultou na Guerra Jōkyū

(1221), também conhecida como Rebelião Jōkyū, entre a nobreza, liderada pelo ex-imperador Go-Toba, e o clã Hōjō, liderado por seu segundo regente, Hōjō Yoshitoki. Com a derrota dos nobres, o *bakufu* finalmente colocou a corte sob seu controle, consolidando seu poder sobre o Japão em Kamakura.

Os anos que se seguiram com o clã Hōjō no poder foram consideravelmente estáveis até as invasões mongóis. Kubilai Khan, líder dos mongóis na época, exigiu que o Japão se tornasse seu súdito e pagasse tributos, apenas para que o regente da época, Hōjō Tokimune, recusasse rispidamente a demanda. Como consequência, Kubilai decidiu invadir o Japão em 1274, mas foi rapidamente derrotado pelas forças de Kamakura em grande parte por causa de uma tempestade torrencial que os atingiu logo que chegaram. Em 1281, ocorreu outra invasão Mongol, com Kubilai ainda mais determinando a subjugar os japoneses, principalmente depois que Tokimune mandou decaptar os porta-vozes mongóis. Mas os japoneses não esperavam que a primeira invasão teria sido a última, então usou os anos após 1274 para fazer investimentos nas forças armadas, armando e treinando seus guerreiros para o próximo confronto. Para a desgraça dos invasores, outra tempestade caiu não muito tempo depois de sua chegada, levando a outra grande derrota. Vale notar que, mesmo que tivessem sucesso em conquistar a região em que desembarcaram, a da baía de Hakata, em Kyūshū, os mongóis estavam muito longe de Kamakura e até mesmo da Kyōto, então a conquista do arquipélago seria extremamente difícil, o que fez a preocupação ser menor do que a primeira vista.

Mesmo após o sucesso da defesa contra os invasores, o clima de tensão e apreensão perdurou no Japão, em parte por causa do estado de alerta que o Estado manteve até 1312. Além disso, dois problemas sociais surgiram após as invasões. Por um lado, a crença na proteção divina, em particular do vendo sagrado (*kamikaze*), cresceu entre os japoneses, retirando parte do crédito que o governo teve na expulsão dos mongóis. Por outro, as famílias dos guerreiros que participaram das lutas não foram bem recompensados, já que os invasores não tinham como deixar terras para serem distribuídas como pagamento. Esses dois fatores somados fizeram a insatisfação com o governo aumentar, sendo o segundo, em particular, uma das causas da queda dos Hōjōs e o fim do Período Kamakura anos mais tarde.

1.2 Aspectos sociais

Como explicado anteriormente, uma boa parte da força do shogunato vinha da relação de senhor-vassalo entre o shōgun e os *gokenins*, em particular os *shugos* e os *jitōs*, por conta de suas funções administrativas e estarem em contato direto com os *shōens*, sendo esse sistema uma das forças

que impulsionou o crescimento do sistema feudal no Japão. Porém, além de uma força empurrando para frente, também teve a falta de uma força oposta significativa que impedisse seu avanço. Com as propriedades sendo mais bem administradas e, por um tempo, a arrecadação de impostos satisfazendo a corte imperial, a aristocracia de Kyōto não deu a devida atenção à manutenção do poder central. Além disso, os órgãos imperiais perderam independência fiscal, poder e atenção, principalmente nas áreas rurais, o que levou ao declínio de sua capacidade de impor a lei e manter a ordem. Com os *shōens* sentindo a falta de proteção do Estado, a privatização da segurança e militarização da administração local cresceu, lentamente tirando o controle que a corte tinha sobre eles.

A administração militar era mais eficiente que a dos civis por dois motivos significativos. Primeiro, eles estavam em constante contato com a terra e os assuntos a ela relacionados, diferente da nobreza que ficava distante, em seu próprio mundo de luxo. Segundo, a própria cultura com a qual os *bushis* cresceram, de honra, lealdade, frugalidade, trabalho duro, os levava a se esforçarem em seus deveres. Eles prezavam pelo nome de suas famílias e acreditavam que a humildade construía o caráter, em oposição ao luxo que levava a fraqueza. Tal comportamento também fora impulsionado pela seita Zen budista, que se expandiu no período Kamakura. Essa vertente do budismo era apreciada pelos *bushis* por prezar pela rígida disciplina física e espiritual, por enfatizar a meditação como meio de se alcançar a iluminação, e pela formação de auto confiança, auto conhecimento, e de homens de caráter e de ação. A soma desses dois fatores fez com que os *bushis* formassem uma imagem mística de si mesmos, de que eram os únicos chefes competentes da sociedade japonesa e que a corte e os mercadores eram indivíduos egoístas, corrompidos pelo dinheiro. Seu orgulho centrou-se em uma figura que, na teoria, dedica-se apenas ao bem-estar de seu general.

Com os eventos do fim do Período Kamakura e a forma como a política evoluiu, fica evidente que essa lealdade estava abalada e que o shogunato estava fragilizado.

1.3 Final do Período Kamakura

Ao final do Século XIII, início do XIV, o sistema de relações senhor-vassalo já estava muito enfraquecido. Não só as famílias estavam insatisfeitas com o pagamento pela participação nas guerras contra os mongóis, como o poder local nas províncias crescia enquanto o central diminuía. Por conta da autonomia que os *gokenins* tinham, tal título tornou-se hereditário, então os patrimônios que antes eram concedidos pelo shōgun se fragmentaram em diversas heranças escassas. Com tantas dificuldades, é natural que os *gokenins* começaram a ter problemas em se manter a serviço de Kamakura, com sua

lealdade sendo gradualmente transferida aos *shugos* e *jitōs* das terras em que trabalhavam, recebendo suporte econômico e proteção como pagamento.

O posicionamento dos militares perante o governo central não foi o único motivo que levou a crise administrativa relacionada aos *shōens*. Como havia tanto um oficial civil quanto um militar para tomar as decisões nas províncias, não é de se surpreender que havia divergências nas decisões tomadas pelas duas partes. Por conta desse atrito, muitas famílias da corte tiveram que fisicamente dividir suas terras ao meio, de forma que cada parte era administrada e pagava tributos ao respectivo governante. Esperava-se que a entrada de dinheiro da nobreza não seria muita afetada por isso, mas não foi o que aconteceu: muitas reclamações por falta de pagamento pelo lado militar surgiram. Com a crescente insatisfação de diversos grupos da sociedade japonesa, o fim do shogunato Kamakura se aproximava.

2. Restauração Kenmu

Quando Minamoto no Yoritomo foi nomeado shōgun e tomou o poder da corte imperial, ele decidiu mantê-la como um cargo simbólico e deixou que duas linhagens alternassem a posse do trono: a corte do sul (*nanchō*, linhagem junior) e a corte do norte (*hokuchō*, linhagem senior). Esse sistema funcionou por várias gerações, até que Go-Daigo, da corte do sul, subiu ao trono. Ele desejava restaurar a glória do poder imperial que existiu no passado, adotando abertamente uma postura contra o shogunato. Por esse comportamento, o imperador fora exilado para a ilha de Oki, onde começou a divulgar sua causa em busca de simpatizantes. Em 1332, Go-Daigo liderava um exército de oposição ao shogunato, com nobreza e militares ao seu lado, destacando-se Ashikaga Takauji, que capturou Kyōto, e Nitta Yoshisaga, que destruiu Kamakura e a família Hōjō, finalmente trazendo o Período Kamakura ao seu fim.

Entre os anos de 1334 e 1336, o imperador tentou realizar seu sonho de restaurar o poder imperial ao governo. Contudo, apesar de ter conseguido reunir diversas pessoas sob uma causa comum, a oposição ao shogunato Kamakura, seus interesses divergiam de uma parcela importante deles, os militares. Não bastando o conflito de interesses, o pagamento recebido estava muito aquém do esperado. Portanto, Ashikaga Takauji depôs Go-Daigo em 1336, capturou Kyōto e instaurou seu próprio shogunato, acabando com a Restauração.

O ex-imperador fracassou em realizar seu sonho, mas isso não o impediu de continuar tentando. Seguido por membros da corte, ele conseguiu se estabelecer nas colinas de Yoshino e passou a alegar ser o legítimo governante do Japão. Com o shogunato em Kyōto e o imperador em Yoshino lutando

pela legitimidade do poder, iniciou-se o período conhecido como *Nanboku-chō*, o Período das Duas Cortes.

3. Período *Nanboku-chō*

O Período das Duas Cortes marcou o início do Período Muromachi (1336-1573), também conhecido como Período Ashikaga. Pela forma como os quadros político, social e econômico evoluíram no Período Kamakura, o poder dos militares sobrepor os civis foi apenas uma fatalidade. Ironicamente, as ações de Go-Daigo apenas aceleraram esse processo uma vez que ele tentou unir as administrações civil e militar sempre que possível. Por conta disso, os oficiais militares receberam amplos poderes quando a Restauração Kenmu fracassou.

Existem dois aspectos interessantes sobre esse período que merecem ser destacados, além do fato de haver duas cortes ao mesmo tempo disputando por influência, poder e legitimidade. Primeiro, enquanto uma corte, a de Ashikaga Takauji, visava criar um governo militar baseado no que existiu durante o Período Kamakura, a outra, do ex-imperador Go-Daigo, almejava restabelecer o poder imperial que existiu no Período anterior, o Heian; ou seja, havia um conflito de ideologias baseadas nos dois períodos antecedentes, como se estivessem tentando ver qual conseguiria retornar. Segundo, diferente dos 150 anos passados, o shogunato agora se encontra em Kyōto e não Kamakura, por ser o local onde Go-Daigo tentou realizar seu sonho e de onde ele foi expulso por Takauji, isto é, cidade onde o imperador ficava.

Os quadros político, social e econômico do fim do Período Kamakura explicam o enfraquecimento da corte imperial e o fortalecimento da aristocracia militar tanto no escopo local quanto no nacional. Apesar de as famílias da corte ainda reterem seu prestígio, luxo e direitos sobre *shōens* distantes, eles perderam completamente seus poderes, quase não tendo mais voz nas decisões políticas e assuntos fiscais de suas terras. Assim, estavam completamente a mercê dos *shugos* para, pelo menos, receber o dinheiro gerado por suas propriedades.

Até agora, foi enfatizado como o poder administrativo, fiscal e político da corte imperial escapou de suas mãos e foi para a aristocracia militar ao longo do Período Kamakura e como isso resultou no surgimento de duas cortes no Período *Nanboku-chō*, em particular no shogunato de Ashikaga Takauji. Contudo, seria errôneo dizer que o shōgun teve um controle estável sobre as províncias. Não só algumas delas apoiavam o imperador Go-Daigo, como a aliança com as outras era muito frágil. A hegemonia do shogunato dependia apenas da capacidade do senhor conseguir controlar seus vassalos que, apesar de serem fracos individualmente, exerciam grande influência nacional por

conta da quantidade e dos cargos governamentais que ocupavam. Os Ashikaga eram ricos e poderosos militarmente, mas não o suficiente para controlar todo o país, ainda mais com a presença constante da corte do sul. O Período *Nanboku-chō*, assim como o Período ao qual pertencia, o Muromachi, não foi estável como o Kamakura.

Conclusão

Apesar de terem sido décadas consideravelmente estáveis, o Período Kamakura teve um fim súbito e conturbado e, em contraste, foi substituído por uma época de instabilidade política e social. Com o crescimento do poder da aristocracia militar, a perda do poder da corte imperial era apenas uma fatalidade. As invasões mongóis serviram apenas de catalisador, assim como o surgimento de uma figura conservadora radical. Com a nobreza fora do cenário político e os governos militares locais se fortalecendo, o sistema feudal já estava presente – faltava apenas ele amadurecer, e isso era apenas uma questão de tempo.

Bibliografia

HALL, J. H. 1990: Japan From Prehistory to Modern Times

HALL, J. H. 1992: El imperio japonés